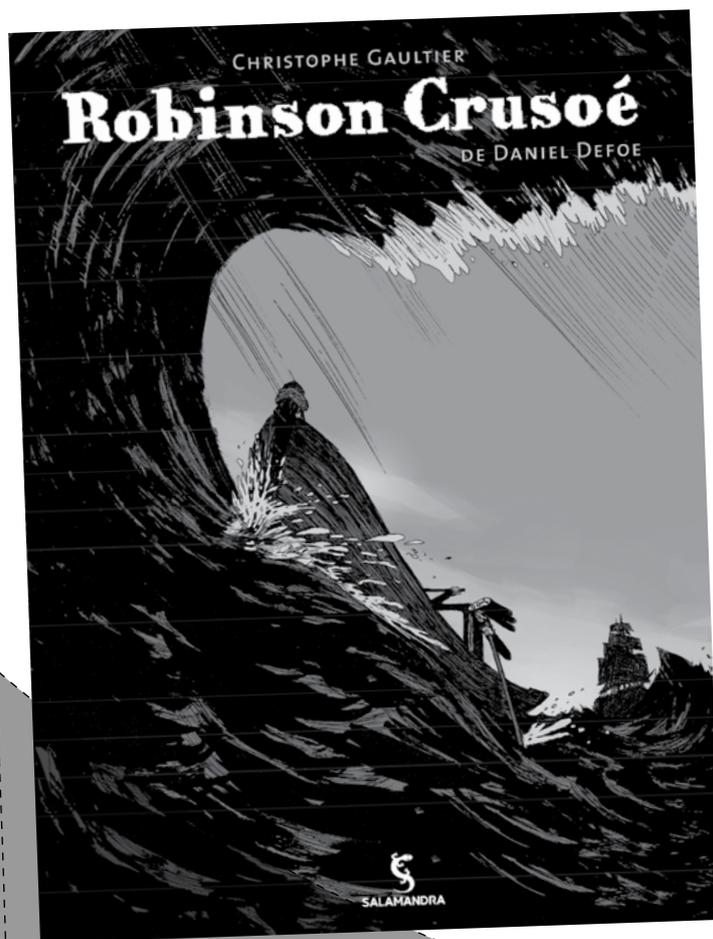


ROBINSON CRUSOÉ

Daniel Defoe

Roteiro, desenhos e cores **Christophe Gaultier**

Tradução **Luciano Vieira Machado**



PROJETO DE LEITURA

Elaboração:

Rosana El-Kadri

CONTEÚDO

Daniel Defoe, o autor de *Robinson Crusóe*

O romance *Robinson Crusóe*

A linguagem dos quadrinhos

A leitura da HQ

Sugestões de atividades em sala de aula

Produção de HQ

Bibliografia consultada e recomendada

DANIEL DEFOE, O AUTOR DE ROBINSON CRUSÓE

O escritor inglês Daniel Defoe nasceu em Londres em 1660 e faleceu nessa mesma cidade em 1731. Era filho de um comerciante “dissidente” – nome dado aos protestantes não anglicanos – e não tinha permissão para frequentar a faculdade. Apesar disso, recebeu uma boa educação e pretendia seguir a carreira religiosa. No entanto, acabou estabelecendo-se como comerciante em Londres. Viajou pela Europa com diversos empreendimentos comerciais: foi proprietário de uma mercearia, armador e fabricante de tijolos. Foi à falência e contraiu dívidas que o acompanharam por toda a vida.

Só saía de casa aos domingos, pois nesse dia os devedores não poderiam ser presos.

Começou a escrever panfletos políticos em 1683, passando a dedicar-se ao jornalismo. A questão religiosa, intimamente ligada à política, estava em seu auge quando Defoe escreveu o panfleto irônico “O caminho mais curto com os dissidentes”, que o levou à prisão e à condenação ao pelourinho.

Na Inglaterra, o pelourinho servia para uma exposição à humilhação pública, em que o castigado ficava preso entre duas toras de madeira, com a cabeça e as mãos expostas para que o povo lhe arremessasse desde frutas e verduras podres até qualquer outro tipo de coisa que desejasse. Defoe, entretanto, tendo escrito anteriormente um poema irônico chamado “Hino ao pelourinho” (*A Hymn to the Pillory*), foi aclamado pelo povo, que lhe atirou flores.

Após sua libertação, fundou uma revista, *The Review* (1704), em que demonstrava as suas excepcionais qualidades como jornalista.

Em 1719 publicou seu romance mais famoso: *A vida e as estranhas e surpreendentes aventuras de Robinson Crusóe* (*The life and strange surprising adventures of Robinson Crusoe*).

Daniel Defoe ganhou celebridade internacional como romancista e resolveu retirar-se da vida pública para se dedicar exclusivamente à literatura.

O ROMANCE ROBINSON CRUSÓE

Daniel Defoe adaptou livremente a história que ouviu de Alexander Selkirk, um marinheiro escocês que desembarcou por vontade própria numa das ilhas do arquipélago de Juan Fernández, no Oceano Pacífico.

O escritor transformou o desembarcado num naufrago inglês. Adicionou antropófagos à trama e situou a ilha no Atlântico, nas proximidades do litoral do Brasil, e não no Pacífico original. Por fim, rebatizou o escocês: Alexander Selkirk passou a ser Robinson Crusóe.

No frontispício da primeira edição do romance, publicado em Londres em 1919, lia-se:

“A vida e as estranhas e surpreendentes aventuras de Robinson Crusóe de York, marinheiro que viveu vinte e oito anos completamente sozinho numa ilha deserta nas costas da América, próximo à foz do grande rio Orinoco, tendo sido lançado à costa por um naufrágio, no qual todos pereceram menos ele, com um relatório sobre o modo pelo qual foi enfim também estranhamente libertado pelos piratas; escrito por ele mesmo.”

O nome do autor não aparecia, pois se esperava que os leitores acreditassem num verdadeiro livro de memórias escritas por um naufrago. O herói narra as histórias em primeira pessoa com uma riqueza de detalhes que a torna extraordinariamente verossímil.

O romance tem aspectos de manual sobre como sobreviver na selva, propondo soluções imaginosas para cada situação. A superação das dificuldades da vida fora da civilização vai ocorrendo gradativamente por meio da conquista e da dominação dos elementos da natureza pelo trabalho e pelo conhecimento técnico-cultural. A fé em Deus e as reflexões acerca da sua vida ajudam o herói a superar a solidão dos primeiros anos, até encontrar e salvar da morte o nativo a quem dá o nome de Sexta-feira e a quem ensinará os costumes cristãos e regras de homem europeu.

O romance *Robinson Crusóe* foi escrito na época do desenvolvimento do capitalismo industrial na Inglaterra, que criou uma estrutura socioeconômica basicamente individualista, afetando parte considerável da população, particularmente a burguesia ascendente. Robinson, como o próprio Defoe, é um produto típico da classe média inglesa da época: um espírito prático que acredita no comércio, na religião, no progresso e na capacidade e autonomia do indivíduo.

As classes comerciais e industriais conseguiram maior poder político e econômico, que começa a se refletir também na literatura. *Robinson Crusóe* é um dos romances que melhor expressam esse pensamento. O herói do romance é a personificação do “homem econômico”, aquele que procura o dinheiro e o sucesso de modo metódico. A busca por aventura é também a busca por riqueza. Um exemplo: ao ser resgatado pelo navio português, Robinson consegue se estabelecer como fazendeiro no Brasil. Mas o desejo de aventura e a necessidade de obter vantagens financeiras o fazem embarcar em nova empreitada, desta vez em busca de braços para o trabalho escravo nas fazendas. Dessa forma, além de satisfazer a ânsia por aventura, o herói também conseguiria os escravos sem precisar pagar por eles.

Ao partir para a África, o personagem deixa a cargo de seu vizinho e amigo, por meio de contrato e testamento, o zelo pelos seus bens. O objetivo é aventurar-se no mar e ao mesmo tempo

obter lucro. Ao sair da ilha, depois de tanto tempo, entra em contato com seus amigos no Brasil e se descobre riquíssimo.

No entanto, após o naufrágio, ao voltar ao navio para buscar o que lhe poderia ser necessário, Robinson pondera sobre a inutilidade do dinheiro para sua vida naquele momento, mas ainda assim o leva consigo.

O naufrágio e a solidão na ilha só denotam a capacidade de sobrevivência desse homem prático, utilizando-se de técnicas que conhecia, experimentando algumas outras novas e valendo-se da fé como refúgio e consolo.

O livro tornou-se um clássico da literatura. É, até hoje, um dos romances de aventura mais lidos e imitados. Para citar dois exemplos, temos a versão suíça escrita por Johann Rudolf Wyss, *Robinson Suíço*, e a francesa, escrita por Julio Verne, *Tio Robinson*.

Há várias adaptações para o cinema e para a televisão, bem como produções baseadas na obra original.

A LINGUAGEM DOS QUADRINHOS

Histórias em quadrinhos, ou simplesmente HQs, são narrativas que, muitas vezes, combinam texto e imagens. A sequência dos quadros compõe a ação da história. As imagens das HQs permitem ao leitor entender o que não está escrito. Dessa forma, elas podem substituir as palavras.

Ainda que nas histórias em quadrinhos a linguagem informal seja mais frequente, na adaptação do romance de Daniel Defoe a linguagem predominante é a formal, utilizada como recurso de expressão para localizar a época, o século XVII, e o nível cultural do narrador, o próprio protagonista, que tem boa educação.

As expressões faciais e corporais dos personagens são importantes para revelar características, pensamentos, emoções e intenções que não estão descritos no texto. Um bom exemplo está na página 5, que introduz a narrativa. Ao mesmo tempo que o narrador nos conta sua biografia, vemos que ele está em pleno mar, a bordo de um navio, sofrendo com náuseas.

Outro recurso para expressar as intenções e os sentimentos dos personagens é o destaque dado a algumas palavras, com a utilização de sublinhado, negrito, itálico, aspas e letras maiores.



Balões indicam que o personagem está gritando.

Além dos balões, o texto dos quadrinhos também é apresentado em legendas, que correspondem à fala do narrador, e em onomatopeias.

Onomatopeias são palavras que reproduzem sons ou ruídos: *crash* (algo quebrando), *smack* (beijo), *bum* (explosão).



Nesse quadrinho a onomatopeia reproduz o som do corpo caindo sobre o catre.

Em alguns balões, o texto é formado por figuras, símbolos ou sinais, que substituem as palavras. Alguns exemplos são os balões que reproduzem sinais de pontuação, como a exclamação, a interrogação e as reticências. Para representar a língua do nativo Sexta-feira, o quadrinista utilizou sinais incompreensíveis. Para mostrar que Robinson não compreende a língua, usou uma interrogação no balão de fala.

As HQs são narrativas e, portanto, apresentam os elementos característicos desse tipo de texto: há personagens, tempo, cenário, ação, conflitos e resolução desses conflitos. O personagem principal dessa história, o protagonista, é Robinson Crusóe. Os outros personagens, que desempenham um papel secundário são os coadjuvantes.

Dos diferentes elementos que compõem uma HQ, os mais caracterizados pela imagem são o cenário e a ação. Nesta adaptação do romance de Daniel Defoe, as cores determinam, por exemplo, as mudanças climáticas e de cenário, além de ressaltar alguma ação importante, como um ataque de piratas turcos.

O cenário pode ser apresentado em diferentes ângulos ou de diferentes perspectivas ou pontos de vista. A vista aérea (ponto de vista alto) mostra uma cena olhada de cima. A cena também pode ser olhada de um ponto de vista baixo.

“Ao olhar uma cena de cima, o espectador tem uma sensação de pequenez, que estimula a sensação de medo. Um quadrinho estreito evoca uma sensação de encurralamento, de confinamento, ao passo que um quadrinho largo sugere abundância de espaço para movimento – ou fuga.”¹

- O quadrinista aproxima ou afasta a imagem de acordo com sua intenção.
- Com um *close* ou *zoom* ele pode destacar a expressão dos personagens e fechar a cena, para introduzir um elemento novo ou surpreendente.
- Com o afastamento da imagem, pode imprimir movimento à cena ou dar ideia de dimensão de um lugar.



Quadrinho largo que dá ideia, ao mesmo tempo, da amplitude de espaços existente no Brasil e da ocupação da terra pelos canaviais. No original, as várias tonalidades de verde destacam também a natureza, as montanhas do Brasil.



Quadrinho largo que destaca a ação: o ataque dos turcos. No original, chama a atenção o tom amarelo/bege predominante, em contraste com os quadrinhos anteriores em tom azul predominante.

Por fim, a pontuação é elemento importante para garantir a expressividade no texto. Por isso, é frequente nas HQs o uso de pontos de exclamação, de interrogação, reticências e combinações como !!! ou ?!.

A LEITURA DA HQ

“A configuração geral da revista de quadrinhos apresenta uma sobreposição de palavra e imagem e, assim, é preciso que o leitor exerça as suas habilidades interpretativas visuais e verbais. As regências da arte (por exemplo, perspectiva, simetria, pincelada) e as regências da literatura (por exemplo, gramática, enredo, sintaxe) superpõem-se mutuamente. A leitura da revista de quadrinhos é um ato de percepção estética e de esforço intelectual.”²

Ainda que os alunos estejam habituados a ler histórias em quadrinhos, o estudo em maior profundidade dessa forma de arte sequencial poderá ampliar a habilidade de leitura de textos que combinam linguagens, neste caso, a verbal e a visual.

Ao propor a leitura, seria interessante explicar aos alunos que lerão uma HQ adaptada de um clássico da literatura de aventura. É importante salientar que uma adaptação de um romance para outro gênero textual – no caso, os quadrinhos – impõe ao artista fazer uma seleção de situações marcantes da obra original e criar um novo produto, que dialogue com a obra que adaptou.

A história também apresenta alguns temas que podem ser discutidos com os alunos: a persistência do herói, a troca de experiências, o aprendizado entre pessoas de diferentes culturas: a relação de Robinson com os portugueses e com Sexta-feira; a diferença de valores – como o fato de Robinson tornar-se escravo dos turcos e depois partir em busca de escravos na África ou rejeitar os costumes e as crenças de Sexta-feira e torná-lo cristão.

A escolha dos temas a serem discutidos dependerá das características do grupo e da condução da discussão.

¹ EISNER, Will. *Quadrinhos e arte sequencial*. São Paulo: Martins Fontes, 1993. p. 89.

² EISNER, Will. *Idem, ibidem*, p. 8.

SUGESTÕES DE ATIVIDADES

Para os alunos entre 10 e 12 anos, ou do 5º e 6º anos, a aventura é o caráter mais atraente. As histórias de aventura apresentam três ingredientes básicos — o **herói**, o **desconhecido** e o **perigo**. O herói é o personagem que consegue vencer todos os problemas que surgem à sua volta. Às vezes, possui talentos especiais que só aparecem quando é colocado à prova.

No caso de *Robinson Crusóé*, o herói abandona o convívio familiar por vontade própria e parte em busca de aventura e riqueza. Apesar de naufragar em sua primeira viagem, persiste e parte em outra empreitada, desta vez para a Guiné, na África. Torna-se prisioneiro e escravo dos turcos. Consegue fugir, ser resgatado por um navio português, viver no Brasil por alguns anos, voltar ao mar para mais um naufrágio e a maior aventura de sua vida: sobreviver por quase três décadas numa ilha isolada.

Em todas essas situações, Robinson contou com sua inteligência, seu senso prático, além de aproveitar as oportunidades oferecidas. Ele é um típico herói de aventura. Ainda que soubesse aonde suas viagens deveriam levá-lo, o perigo e o inesperado sempre o colocam à prova, levando-o a lugares desconhecidos, perigosos e desafiadores.

Para os alunos mais velhos, ou a partir do 8º ano, temas relativos ao momento histórico em que o romance original foi produzido, que foram mantidos na adaptação, podem ser aprofundados com o auxílio do professor de História. É nesse ano escolar que se estuda o mercantilismo, a expansão marítima, a ascensão da burguesia e as reformas religiosas. Seria oportuno ressaltar que as obras artísticas e literárias refletem a mentalidade da época em que foram produzidas, como é o caso de *Robinson Crusóé*.

Antes da leitura

Introdução do livro

- Combine com os alunos a data em que todos devem ter o livro. Se possível, providencie a compra para que todos tenham o livro em mãos no mesmo dia.
- Pergunte se conhecem a história de Robinson Crusóé. Se alguns alunos conhecerem, pergunte se imaginam como seria uma adaptação dessa história para quadrinhos.
- Leia a biografia do autor dos quadrinhos e do autor do romance original.
- Se julgar pertinente, dê informações adicionais sobre autor e obra.
- Pergunte-lhes quais são as características de uma história de aventuras e que elementos eles consideram essenciais para sua existência. O conceito de aventura deles poderá ser diferente daquele criado à época do romance. Aceitar respostas coerentes que possam ser enriquecidas posteriormente.

Durante a leitura

- Se desejar, leia com os alunos o início do livro (página 5). Chame a atenção para a narrativa em 1ª pessoa, pelo próprio Robinson. Ressalte que a narrativa é complementada pela linguagem visual. Enquanto Robinson fala de sua origem, as imagens mostram um navio em pleno mar com um passageiro vomitando sem parar.
- Os alunos podem ler o livro em casa. Eles devem saber que, além da história de aventura, a linguagem dos quadrinhos também será estudada.

Depois da leitura

- Pergunte aos alunos a sua opinião a respeito da história e, para aqueles que já a conhecem, da adaptação.
- Deixe que se expressem livremente e aproveite suas colocações para discutir alguns dos temas que a história suscita: o relacionamento entre o europeu e o nativo Sexta-feira; as diferenças culturais; o que propiciou a sobrevivência do herói, entre outros.
- Selecione alguns exemplos da história que demonstrem as peculiaridades da linguagem dos quadrinhos.
- Para os alunos do 6º e 7º anos, sugerimos apresentar o filme *Náufrago* e propor uma comparação entre a história de Robinson Crusóé e de Chuck Noland. Eles poderão verificar que existem muitas semelhanças entre a forma como ambos conseguiram sobreviver, além de perceber as possibilidades que o romance de Daniel Defoe oferece para adaptações.

Título: Náufrago

Título original: Cast Away

Roteiro: William Broyles Jr.

Direção: Robert Zemeckis

Atores: Tom Hanks, Helen Hunt, Christopher Noth, Nick Searcy, Lauren Birkell

Duração: 2 h 23 min

Distribuidora: 20th Century Fox Film Corporation / UIP

País: EUA

Ano de lançamento: 2000

Disponível em DVD

Chuck Noland, um inspetor da FedEx, fica preso em uma ilha por quatro anos, onde precisa lutar para sobreviver tanto física quanto emocionalmente.

- Para os alunos de 8º e 9º anos, sugerimos o filme *Robinson Crusóé*, de 1976. O mais interessante nessa adaptação é a mudança do ponto de vista da narrativa. Vemos a história de Robinson Crusóé contada pelo personagem Sexta-feira.

O filme propicia uma discussão extremamente rica acerca do choque cultural e dos valores de cada sociedade. Faça, também, a comparação entre as duas adaptações.

Título: Robynson Crusóe

Título Original: Man Friday

Roteiro: Adrian Mitchell

Direção: Jack Gold

Atores: Peter O'Toole, Richard Roundtree, Peter Cellier, Christopher Cabot, Joel Fluellen, Sam Seabrook, Stanley Clay

Duração: 109 min

Distribuidora: Top Tape

País: EUA / Inglaterra

Ano: 1976

A relação entre o náufrago Crusóe e o nativo Sexta-feira, que após anos de convivência numa ilha deserta não conseguem compartilhar as culturas, levando o homem branco ao desequilíbrio.

PRODUÇÃO DE HQ

Esta produção pode ser realizada com a colaboração de duas ou três disciplinas. Se o objetivo for produzir uma história de aventuras, atividade mais adequada para o 5º e o 6º anos, um capítulo de um livro de interesse dos alunos ou de um conto relativamente curto poderá ser adaptado para roteiro, com a coordenação do professor de Língua Portuguesa. Os alunos podem ser divididos em grupos para a atividade.

No livro *Quadrinhos e arte sequencial*, de Will Eisner³ você pode encontrar um modelo de roteiro elaborado para o

³ Idem, *ibidem*, p. 129.

personagem Spirit, famoso nos anos 1950 e adaptado para o cinema recentemente.

Os desenhos, a serem realizados com base no roteiro, poderão ser coordenados pelo professor de Arte, que poderá trazer outros exemplos de HQs.

No caso do 7º e do 8º anos, os alunos poderão criar um roteiro com base em um tema específico de História. Um personagem que mostre, assim como Robynson, a mentalidade de determinado momento histórico. O professor de Língua Portuguesa deverá coordenar o roteiro e a construção da narrativa, e o de Arte, a criação dos desenhos com base no roteiro.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA E RECOMENDADA

CALVINO, Ítalo. "Robynson Crusóe, o diário das virtudes mercantis". In: *Por que ler os clássicos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002. p. 102-107.

EISNER, Will. *Quadrinhos e arte sequencial*. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

HEIDRICH, Álvaro Luiz. "O pensamento capitalista em Robynson Crusóe". In: *Revista Vidya*. Santa Maria: Editora Palotti, 1995, nº 14. p. 17-34.

PATATI, Carlos e BRAGA, Carlos. *Almanaque dos quadrinhos: 100 anos de uma mídia popular*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006.

MATAGON, Yvan. "A aventura do verdadeiro Robynson Crusóe". In: *Revista História Viva*, nº 52, fevereiro de 2008.

WATT, Ian. "Robynson Crusoe, o individualismo e o romance". In: *A ascensão do romance*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996. p. 55-83.